



**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE**

**EDNA ALÉSSIO DE BARROS COSTA CARATI**

**A ARTETERAPIA COMO DISPOSITIVO  
TERAPÊUTICO NO TRATAMENTO DA  
ESQUIZOFRENIA**

ARIQUEMES - RO

2018

**EDNA ALÉSSIO DE BARROS COSTA CARATI**

**A ARTETERAPIA COMO DISPOSITIVO  
TERAPÊUTICO NO TRATAMENTO DA  
ESQUIZOFRENIA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Prof.<sup>a</sup> Orientadora: Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes.

Ariquemes - RO

2018

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA**

---

C262a	CARATI, Edna Aléssio de Barros Costa.  A arteterapia como dispositivo terapêutico no tratamento da esquizofrenia. / por Edna Aléssio de Barros Costa Carati. Ariquemes: FAEMA, 2018.  52 p.  TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.  Orientador (a): Profa. Ma. Ana Claudia Yamashiro Arantes.  1. Psicologia. 2. Arteterapia. 3. Dispositivo Terapêutico. 4. Psicoses. 5. Saúde Mental. I Arantes, Ana Claudia Yamashiro. II. Título. III. FAEMA.  CDD:150.
-------	--

---

**Bibliotecário Responsável**  
**EDSON RODRIGUES CAVALCANTE**  
CRB 677/11

Assinado digitalmente por: Ana Claudia Yamashiro Arantes  
Razão: Sou responsável pelo documento  
Localização: FAEMA - Ariquemes - RO  
O tempo: 10-12-2018 22:43:02

**EDNA ALÉSSIO DE BARROS COSTA CARATI**

<http://lattes.cnpq.br/1483166119097044>

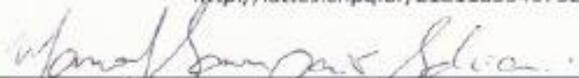
## **A ARTETERAPIA COMO DISPOSITIVO TERAPÊUTICO NO TRATAMENTO DA ESQUIZOFRENIA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Orientadora: Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA  
<http://lattes.cnpq.br/2181183340752599>



---

1º Examinador: Esp. Manoel Sampaio Schiavi  
Instituto Federal de Educação de Rondônia - IFRO  
<http://lattes.cnpq.br/5797530122386071>

---

2º Examinador: Esp. Hanns Muller Marques Lopes  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA  
<http://lattes.cnpq.br/0980807319261415>

Ariquemes, 20 de novembro de 2018

Assinado digitalmente por: Hanns-muller Marques Lopes  
Razão: Sou Responsável pelo Documento  
Localização: FAEMA - Ariquemes/RO  
O tempo: 11-12-2018 14:59:11

Ao meu esposo, filhas e amigos.

## AGRADECIMENTOS

*“A gratidão não nos tira nada, ela é dom em troca, mas sem perda e quase sem objeto. A gratidão nada tem a dar, além do prazer de ter recebido”.*

*André Comte Sponville*

A Deus, por ter me proporcionado saúde e força para superar as dificuldades encontradas pelo caminho, e permitido que esse sonho se concretizasse.

A Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA, por ter oportunizado a janela do conhecimento.

A professora Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes, que a todo o momento acreditou, incentivou e se empenhou para que este trabalho se concretizasse.

A todos os professores, que durante esses cinco anos me proporcionaram o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Aos colegas de sala companheiros de trabalhos, que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida.

A minha família; esposo e filhas, pela compreensão nos momentos de ausência.

A todos aqueles que de forma direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

*“A arte seja escrever, ler, pintar, desenhar  
é o exercício, a terapia, a saúde da vida  
mental”.*

*Francis Perot*

## RESUMO

A Esquizofrenia é uma condição que assola indivíduos em todo o globo, não tendo suas causas esclarecidas com precisão e remanescendo como uma psicose que não vislumbra uma 'cura' em caráter objetivo, de modo que diferentes abordagens e diferentes dispositivos terapêuticos vem sendo idealizados e desenvolvidos, possibilitando combater os sintomas de tal condição e a alienação e exclusão observadas nos pacientes diagnosticados com esquizofrenia. Dentre as possibilidades de intervenções terapêuticas de caráter inovador, a arteterapia vem sendo vislumbrada como uma alternativa de abordagem juntamente a tais pacientes, amenizando os sintomas da esquizofrenia e revestindo o paciente com mais liberdade, autonomia e criatividade, além do autoconhecimento e da expressão e comunicação necessárias para a melhoria do bem-estar do indivíduo. Partindo dessas premissas, o presente estudo busca a realização de uma análise ampla acerca da arteterapia enquanto dispositivo terapêutico acessório no tratamento da esquizofrenia a partir da realização desta pesquisa bibliográfica, reunindo e analisando as principais informações e observações encontradas na temática, buscando apontar a arteterapia como uma alternativa adequada para o tratamento da esquizofrenia.

**Palavras-chave:** Arteterapia, Dispositivo Terapêutico, Psicoses, Saúde Mental, Esquizofrenia.

## ABSTRACT

Schizophrenia is a condition that plagues individuals across the globe, not having its causes clarified accurately and remaining as a psychosis that does not envisage a 'cure' in objective character, so that different approaches and different therapeutic devices have been idealized and developed, making it possible to combat the symptoms of such condition and the alienation and exclusion observed in patients diagnosed with schizophrenia. Among the possibilities of therapeutic interventions of an innovative character, art therapy has been envisioned as an alternative approach to such patients, ameliorating the symptoms of schizophrenia and coating the patient with more freedom, autonomy and creativity, as well as self-knowledge and expression and communication necessary for the improvement of the individual's well-being. Based on these premises, the present study seeks to carry out a comprehensive analysis about art therapy as an accessory therapeutic device in the treatment of schizophrenia, based on this bibliographic research, gathering and analyzing the main information and observed observations, aiming to point the art therapy as an adequate alternative for the schizophrenia's treatment.

**Keywords:** Art therapy, Therapeutic Device, Psychoses, Mental health, Schizophrenia.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	13
2.1 OBJETIVO GERAL .....	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	13
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	14
<b>4 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	17
4.1 A ESQUIZOFRENIA: CARACTERIZAÇÃO E ASPECTOS FUNDAMENTAIS....	17
4.2 O TRATAMENTO DA ESQUIZOFRENIA E A REFORMA PSIQUIÁTRICA .....	21
4.3 A ARTETERAPIA: SURGIMENTO E DEFINIÇÃO .....	24
4.4 BENEFÍCIOS E FINALIDADES DA ARTETERAPIA .....	33
4.5 A ARTETERAPIA COMO DISPOSITIVO TERAPÊUTICO NO TRATAMENTO DA ESQUIZOFRENIA .....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	47
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	50

## INTRODUÇÃO

O estudo em questão é desenvolvido de modo crítico, a partir da reunião de informações encontradas descritas e analisadas, buscando contextualizar a arteterapia como uma alternativa válida para o tratamento de uma das condições psiquiátricas mais graves da atualidade e que se constitui como um problema de saúde pública em âmbito nacional e internacional, bem como fazer uma reflexão sobre a arte como instrumento terapêutico no campo específico da Psicologia, compreendendo o contexto em que ela surge no Brasil, e os pressupostos fundamentais que norteiam o psicólogo na prática da qualidade de vida das pessoas em caráter geral para por fim, direcioná-la em função das abordagens terapêuticas no âmbito da esquizofrenia.

No mesmo sentido, refletir sobre ações voltadas para a promoção da inclusão social dos pacientes com esquizofrenia com base na arteterapia, valorizando os sentimentos, emoções e pensamentos, de modo a quebrar o paradigma da percepção do indivíduo esquizofrênico como louco, ou alguém sem condições de convívio social, bem como do estigma social advindo da condição histórica concebida como portador de algo “mau”, e que precisam ser exorcizados ou de outras práticas ritualísticas, mas sim, de abordagens que de fato possam proporcionar uma melhor qualidade de vida.

Ano após ano, são intensificadas as preocupações referentes à saúde mental dos indivíduos, uma vez que os transtornos mentais vêm apresentando quadros cada vez mais prevalentes na contemporaneidade, constituindo-se como graves problemas de saúde pública em âmbito global. Dentro desse contexto, surge a esquizofrenia, a qual é apontada como uma das doenças psiquiátricas mais graves e desafiadoras conhecidas na atualidade, concebida como uma síndrome clínica complexa que contempla manifestações psicopatológicas variadas acerca dos pensamentos, percepções, emoções, movimentos e comportamentos. Dentre as condições psiquiátricas, é uma doença amplamente prevalente: no Brasil, surgem 75.000 novos casos de esquizofrenia por ano (OLIVEIRA et al., 2012).

Na atualidade, entretanto, busca-se o embasamento e a construção de terapias alternativas para o tratamento de transtornos como a esquizofrenia. Bezerra Jr. (2007) leciona que as internações manicomiais devem servir como um último recurso dentro da perspectiva psiquiátrica, privilegiando as possibilidades de utilização de terapias específicas para o tratamento dos transtornos. Isso não significa que as internações de indivíduos diagnosticados com esquizofrenia sejam inviabilizadas, mas sim que mesmo nos casos onde a internação se faz necessária passam a ser vislumbradas possibilidades de intervenção alternativa.

No âmbito das alternativas de tratamento de transtornos como a esquizofrenia, encontra-se a arteterapia. Segundo Coqueiro et al. (2010) a arteterapia é caracterizada como um dispositivo terapêutico que aborda e absorve saberes de diversas áreas do conhecimento, se constituindo como uma prática transdisciplinar fundamentada com o intuito de resgatar o homem em sua integralidade através de processos como o autoconhecimento e a capacidade de transformação humana. Os autores a conceituam como “um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação cliente-profissional. Sua essência seria a criação estética e a elaboração artística em prol da saúde” (COQUEIRO et al., 2010, p. 860).

A arteterapia se justifica pela sua relevância junto a pacientes esquizofrênicos, e marca também uma tendência internacional (já elencado acima) e que vem sendo seguida em âmbito global a não institucionalização e não internação, pois a esquizofrenia é uma doença que provoca por muitas vezes, a internação dos pacientes, sobretudo, ao considerarmos o abandono familiar de tais indivíduos, os quais, desamparados, não possuem um suporte adequado para enfrentar sua condição de modo adequado. No mesmo sentido, é amplamente recomendável que sejam realizadas abordagens e terapias alternativas, as quais vem sendo exploradas para produzir melhores resultados para o paciente como um todo, não o deixando tão somente com o tratamento medicamentoso.

Para uma ampla abordagem conceitual acerca da arteterapia e da esquizofrenia, é necessário aprofundar conhecimentos acerca destes dois elementos para que os mesmos possam ser trabalhados em uma conjuntura verdadeiramente aplicável aos problemas expostos, fomentando uma análise clara e

objetiva acerca da sua aplicabilidade na intervenção terapêutica do tratamento da esquizofrenia, aspecto que delimita o enfoque do presente estudo.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL

Refletir sobre a arte como instrumento terapêutico no campo específico da Psicologia voltada para o tratamento da esquizofrenia.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Entender o contexto em que a arteterapia surge e seu desenvolvimento no Brasil;

Compreender as intersecções dos vários saberes e a utilização das diversas modalidades expressivas como instrumento terapêutico;

Refletir sobre os pressupostos fundamentais que norteiam o psicólogo na prática enriquecedora da qualidade de vida das pessoas contemplando as perspectivas da arteterapia em caráter geral para direcioná-la em função das abordagens terapêuticas da esquizofrenia.

### 3 METODOLOGIA

O presente tópico busca descrever os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa e do estudo como um todo. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, o presente estudo é classificado como uma pesquisa bibliográfica, a qual segundo Kauark et al. (2010) é elaborada a partir da reunião de material já publicado, contemplando obras literárias, artigos periódicos e demais materiais aplicáveis, buscando analisar um fenômeno já descrito sob um novo prisma. Sob a perspectiva dos objetivos, a pesquisa se classifica como exploratória, uma vez que:

(...) objetiva a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito, ou à construção de hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso (KAUARK et al., 2010, p. 28).

De acordo com Prodanov e Freitas (2013) a pesquisa exploratória busca proporcionar mais informações sobre um assunto investigado pelo pesquisador, a partir da fixação de objetivos e de questões norteadoras que são respondidas com base no material consultado. Os autores ressaltam que a pesquisa exploratória almeja proporcionar um novo enfoque para o objeto de estudo escolhido, permitindo que o pesquisador seja revestido de flexibilidade durante o seu processo de desenvolvimento.

Segundo Gil (2002, p. 64) a partir do desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório “obtemos dados por trabalhos publicados por outros autores em uma pesquisa bibliográfica de livros, obras de referência, periódicos e dissertações”.

Nesse sentido:

Pesquisa exploratória: quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. A pesquisa exploratória possui planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos. Em geral,

envolve: - levantamento bibliográfico; - entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; - análise de exemplos que estimulem a compreensão (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51).

De acordo com Treinta et al. (2014) a maior parte das pesquisas realizadas na atualidade refletem uma grande quantidade de produções acadêmicas e demais publicações, de modo que as pesquisas de cunho bibliográfico vem ganhando cada vez uma maior importância. O presente estudo busca promover a análise de resultados a partir de informações encontradas em obras literárias, artigos científicos e demais publicações físicas e virtuais, dada a quantidade de informações adequadas para o desenvolvimento do estudo a partir da revisão de literatura.

Quanto ao método de abordagem adotado para o presente estudo, faz-se uso do método indutivo, o qual considera o conhecimento baseado na experiência, com uma generalização que parte da observação do pesquisador em face de situações na realidade concreta a partir de constatações particulares (ALMEIDA, 2010). Busca-se, nesse sentido, fazer uso de levantamentos bibliográficos com o intuito de fundamentar uma abordagem concisa por parte do autor do presente estudo quanto ao tema investigado, proporcionando o alcance dos objetivos propostos para o desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido, o trabalho pautou-se na investigação de publicações científicas nas bases de dados do Google Acadêmico e *Scientific Eletronic Library Online* (Scielo), além de materiais do acervo pessoal da acadêmica, bem como da professora orientadora tais como: 08 livros, 11 artigos em revistas nacionais e 03 em Inglês, 18 artigos nacionais e 02 em Inglês, 03 dissertações de mestrado, 02 artigos em jornal nacional e 02 em jornal Inglês, 02 monografias, 08 publicações em anais de congresso, 03 manuais, 01 ensaio nacional e 01 em Inglês e 01 livro em Inglês, num total de 59 referências, a qual foi realizada no período de julho a setembro de 2018, sendo os descritores utilizados na busca: Arteterapia, Arteterapia como dispositivo terapêutico, Esquizofrenia.

Como critérios de inclusão e exclusão, buscou-se analisar a familiaridade com o tema da pesquisa, proporcionando investigação de informações que viessem contemplar os objetivos propostos com o intuito de fundamentar de forma científica e concisa o tema investigado. Foram excluídas as referências que fugiam ao escopo

da pesquisa, ou que apresentavam informações menos complexas ou repetidas em comparação às quais foram utilizadas no decorrer do trabalho.

## 4 REVISÃO DE LITERATURA

### 4.1 A ESQUIZOFRENIA: CARACTERIZAÇÃO E ASPECTOS FUNDAMENTAIS

Para uma melhor compreensão e aprofundamento teórico acerca da caracterização e aspectos fundamentais da esquizofrenia, faz-se necessário buscar fundamentação teórica na literatura científica acerca da compreensão de vários autores sobre a temática, a qual nos proporcionou uma maior perspectiva para o conhecimento da condição psiquiátrica como um todo, pois, segundo Alves e Silva (2001, p. 12) a esquizofrenia pode ser caracterizada como “um transtorno mental bastante complexo de causas ainda hoje desconhecidas”. As autoras apontam que a esquizofrenia passou a ser melhor definida pela psiquiatria ao fim do século XIX, a partir da caracterização do psiquiatra alemão Emil Kraepelin, que a contemplou como uma doença grave, com evolução de modo crônico e com alteração progressiva da capacidade intelectual durante a juventude ou início da fase adulta, sendo inicialmente denominada como ‘demência precoce’.

De acordo com Silva (2006), Kraepelin estabeleceu uma classificação de transtornos mentais pautada pelo modelo médico com o intuito de apresentar a existência de doenças com etiologia, sintomologia, curso e resultados comuns, de modo que uma dessas entidades foi denominada como demência precoce, visto que passava a se manifestar no início da vida e quase invariavelmente levava a problemas de ordem psíquica. Dentre os principais sintomas observados pelo psiquiatra alemão estavam "alucinações, perturbações em atenção, compreensão e fluxo de pensamento, esvaziamento afetivo e sintomas catatônicos" (SILVA, 2006, p. 263) e a etiologia era endógena, devido ao fato de que o transtorno surgia devido a causas internas.

A demência precoce só passou a ser empregada com o termo esquizofrenia, entretanto, pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, o qual observou a “fragmentação do pensamento e das emoções durante os surtos agudos da demência precoce. Essa observação fez com que Bleuler substituísse o nome dessa condição por esquizofrenia, de “esquizo” - cisão e “frenia” – mente” (ALVES; SILVA, 2001, p. 13).

Esquizofrenia em significado de etimologia contempla, de tal forma, a cisão da mente.

Elkis (2000) apontou que o foi somente em 1948 que Schneider abordou de modo inteiramente clínico a necessidade de identificar os sintomas característicos (Sintomas de Primeira Ordem – SPO) da esquizofrenia, os caracterizando na:

1. Sonorização dos próprios pensamentos, quando o indivíduo ouve os seus próprios pensamentos ‘soando alto’; Escutar vozes sob forma de argumento e contra-argumento;
2. Escutar comentários e vozes que acompanham a realização das próprias atividades;
3. Vivenciar experiências de influência corporal;
4. Experimentar roubo do pensamento e formas diversas de influência do pensamento;
5. Sentir que tudo está sendo influenciado pelos outros no campo dos sentimentos, pulsões e vontade;
6. Apresentar uma percepção delirante.

Já o DSM-5 (2014, p. 99) elenca as características essenciais e os sintomas da esquizofrenia como assim entendidos:

1. Delírios;
2. Alucinações;
3. Fala desorganizada (ex., descarrilamento frequente ou incoerência);
4. Comportamento totalmente desorganizado ou catatônico;
5. Sintomas negativos, ou seja, embotamento afetivo, alogia ou avolição.

Bleuer (1960, *apud* Amaral, 2014), no entanto, também haviam trabalhado os sintomas fundamentais, que muito ampliou os conhecimentos trazendo à luz algumas características importantes como, por exemplo:

1. Presença de transtornos de associação extravagantes, demasiados ou em obstrução;
2. Transtornos de afetividade, caracterizados pela indiferença;
3. Predileção por fantasia;
4. Ambivalência de vontade, afeto e intelectual;

## 5. Tendência a se distanciar da realidade.

Houve de tal modo, diferentes perspectivas e percepções dos pesquisadores quanto às concepções iniciais da esquizofrenia. De acordo com Oliveira (2010), essas foram apenas as abordagens iniciais envolvendo a descoberta da esquizofrenia, visto que a mesma sempre esteve presente na humanidade:

A esquizofrenia, uma das perturbações psiquiátricas mais graves, é reconhecida desde a antiguidade. As primeiras referências na literatura que descrevem perturbações mentais semelhantes à esquizofrenia remontam ao tempo de Hipócrates (460-370 AC), permanecendo um conceito estagnado até aos séculos XIX e XX quando os psiquiatras franceses e alemães poliram as suas impurezas. (5-6) De facto, até ao século XIX, a psicose era considerada uma mera forma de loucura e os psiquiatras, então referidos como alienistas, pouco respeitados na comunidade médica. (OLIVEIRA, 2010, p. 7).

Oliveira et al. (2012), ao analisar os sintomas da esquizofrenia na contemporaneidade, os classificou com base na literatura como sintomas positivos e negativos: são sintomas positivos aqueles nos quais incidem comportamentos adicionais em momentos de crise psiquiátrica, como delírios, alucinações, alterações na fala e no comportamento (como catatonia, transtornos motrizes, dentre outros), de modo que a apresentação destes sintomas positivos (sobretudo em relação à incidência de delírios ou alucinações) teriam relação íntima com as especificidades de cada indivíduo, a partir de suas experiências de vida e das relações estabelecidas com os fatos ao seu redor, podendo ser considerada como um meio de o indivíduo comunicar seus medos e seus impulsos.

Quanto aos sintomas negativos, ainda de acordo com os autores supramencionados, estes seriam aqueles nos quais ocorre perda da função, sendo caracterizados pela diminuição das atividades motoras e psíquicas, assim como das manifestações emocionais como: expressão emocional diminuída<sup>1</sup>, avolia<sup>2</sup>, alogia<sup>3</sup>, anedonia<sup>4</sup>, e a falta de sociabilidade<sup>5</sup>. Tais sintomas também podem ocorrer diante

---

<sup>1</sup> *Expressão emocional diminuída* inclui reduções na expressão de emoções pelo rosto, no contato visual, na entonação da fala (prosódia) e nos movimentos das mãos, da cabeça e da face, os quais normalmente conferem ênfase emocional ao discurso.

<sup>2</sup> A *avolia* é uma redução em atividades motivadas, autoiniciadas e com uma finalidade. A pessoa pode ficar sentada por períodos longos e mostrar pouco interesse em participar de atividades profissionais ou sociais.

<sup>3</sup> A *alogia* é manifestada por produção diminuída do discurso.

<sup>4</sup> A *anedonia* é a capacidade reduzida de ter prazer resultante de estímulos positivos, ou degradação na lembrança do prazer anteriormente vivido.

<sup>5</sup> A *falta de sociabilidade* refere-se à aparente ausência de interesse em interações sociais, podendo estar associada à avolia, embora possa ser uma manifestação de oportunidades limitadas de interações sociais.

de causas secundárias da doença, como privação ambiental, quadros depressivos, ansiedade e outros efeitos colaterais advindos da administração das drogas antipsicóticas.

Cumpra-se, no mesmo sentido, caracterizar a esquizofrenia em caráter geral. Alves e Silva (2001) caracterizam o transtorno esquizofrênico pela apresentação de distorções funcionais em graus variados e de modo simultâneo, com alterações no nível de motivação, estados afetivos, processos cognitivos e diversas outras funções do paciente. O conteúdo do pensamento dos indivíduos com esquizofrenia se apresenta de modo fragmentado, com perda de associações lógicas, expressões de modo incoerente, vago, circunstancial e repetitivo. Para as autoras, a percepção também se encontra alterada, sendo o principal distúrbio perceptivo as alucinações auditivas, com a escuta das vozes quando o paciente está sozinho e quando não há ninguém perto. Outras alucinações visuais, olfativas ou táteis podem ocorrer, porém essas alterações são consideradas menos comuns.

Nesse sentido:

Os indivíduos esquizofrênicos também podem ter ilusões (percepção de objetos reais de modo distorcido) ou despersonalização (sensação de que o seu corpo está sofrendo modificações). Também são observados distúrbios motores, tais como catatonia (alterações intensas da motricidade caracterizadas por imobilidade e comportamento indiferente ao ambiente), movimentos estereotipados (repetitivos e sem propósito), atividades motoras incontroláveis e agitação, sendo as duas últimas as mais frequentes. Em consequência dessas alterações, o indivíduo perde o senso de identidade pessoal, e tem extrema dificuldade de estabelecer contato social, ficando isolado em seus pensamentos e fantasias, ou ouvindo alucinações (ALVES; SILVA: 2001, p. 13).

Conforme apontado por Lopes e Buriola (2015), as alucinações passam a surgir em algum estágio do desenvolvimento da condição, de modo que alucinações auditivas ocorrem em 50% dos pacientes, alucinações visuais em 15% dos pacientes e táteis em apenas 5%. Para os autores, o que mais acomete o doente seriam os delírios, observados em mais de 90% dos portadores de esquizofrenia.

Matos et al. (2014) apontam que os sintomas da esquizofrenia afetam toda a vida do paciente, nos aspectos afetivo, social, familiar e financeiro, dentre outros, além de mudar permanentemente o estilo de vida dos que estão mais próximos, por se tratar de uma doença crônica ainda sem cura. Para os autores, devido ao fato de que a esquizofrenia afeta diretamente a personalidade e o modo de agir do indivíduo, a doença é considerada devastadora, de modo que o indivíduo precisa

enfrentar grandes dificuldades para se inserir na sociedade, vencendo os preconceitos para viver sua vida, dado que há um estigma que gira em torno da doença, uma vez que as pessoas que não possuem um grande nível de conhecimento com essa condição acreditam que tais pessoas não são capazes de desenvolver suas atividades normalmente.

#### 4.2 O TRATAMENTO DA ESQUIZOFRENIA E A REFORMA PSIQUIÁTRICA

Antes que possam ser abordados os aspectos relacionados à aplicabilidade da arteterapia no âmbito do tratamento da esquizofrenia, cumpre-se destacar outros preceitos referentes ao tratamento dos pacientes diagnosticados com tal condição, dado que nos termos já apresentados no presente estudo, a esquizofrenia permanece como uma doença ainda incurável, acometendo o paciente durante toda a sua vida e o prejudicando de modo significativo.

Segundo Silva (2006), os aspectos biológicos e psicossociais da esquizofrenia clamam pela necessidade de uma abordagem mais global em relação ao tratamento dos pacientes, considerando não tão somente o combate aos sintomas, mas também a prevenção e controle dos fatores ambientais estressores. Para a autora, o tratamento farmacológico fora o ponto de partida para as intervenções realizadas com estes pacientes, sobretudo após a descoberta dos neurolépticos (antipsicóticos) em 1952, culminando no início da psicofarmacologia na contemporaneidade. A clorpromazina passou a ser administrada para os pacientes com esquizofrenia internados em hospitais psiquiátricos, que apresentaram uma melhoria considerável e revolucionou o tratamento da esquizofrenia, resultando em uma melhoria significativa variável entre 50 a 75% e proporcionando benefícios clínicos em 90% dos indivíduos submetidos ao tratamento farmacológico.

Um ponto importante a ser abordado nesse sentido consiste no ensinamento levantado por Alves e Silva (2001), que apontaram que o tratamento farmacológico não dispensa a necessidade de acompanhamento psicológico, visto que fornece tão somente as condições mínimas para a comunicação entre o paciente e o terapeuta:

Assim como o tratamento farmacológico pode auxiliar a psicoterapia, esta também contribui no tratamento da esquizofrenia. Mesmo quando a droga alivia os sintomas psicóticos, o paciente esquizofrênico tem extrema dificuldade em estabelecer contatos sociais e sua formação profissional se encontra também prejudicada devido à idade de início da doença (ALVES, SILVA. 2011, p. 21).

De acordo com Shirakawa (2000), as estratégias para o tratamento da esquizofrenia sempre irão variar de acordo com as características do paciente, sua família, a fase e a gravidade da condição, de modo que o sucesso ou insucesso do tratamento sempre dependerá da adesão do paciente ao mesmo. Para o autor, um dos grandes objetivos do profissional de saúde sobre o paciente implica na conscientização da doença, que culmina na sua colaboração com o tratamento, haja vista que quando o paciente aceita tomar a medicação de modo responsável e passa a buscar os caminhos para a sua reabilitação, as possibilidades de controle da doença aumentam significativamente, de modo que torna-se possível ajudá-lo a recuperar as habilidades sociais perdidas, diminuir o seu isolamento, incentivá-lo aos hábitos de higiene, alimentação, sono e lazer e até mesmo promover seu retorno ao trabalho, de modo que as abordagens psicossociais se mostram significativas. Ainda para o autor, a psicoterapia sempre deve “ter por finalidade melhorar os sintomas, prevenir as recaídas e evitar a institucionalização. Entretanto, nos momentos de crise, deve ajudar a encarar uma internação necessária como medida protetora” (SHIRAKAWA, 2000, p. 57).

Para Zanini (2000, p. 47) a “psicoterapia tem se mostrado um importante recurso terapêutico associado ao tratamento farmacológico, na recuperação e na reabilitação do indivíduo esquizofrênico”, a partir de abordagens com enfoque educativo, de suporte interpessoal e dinâmico, sempre buscando recuperar o indivíduo no nível psíquico, interpessoal e social.

Moll et al. (2015) investigaram as ações terapêuticas voltadas para as pessoas diagnosticadas com esquizofrenia em seu estudo, apontando que tais ações devem ser caracterizadas por oficinas terapêuticas, atendimento psicoterápico, terapia em grupo e individual, tratamento medicamentoso, terapia familiar e consultas psiquiátricas. De acordo com os autores, o tratamento da esquizofrenia nas instituições deve sempre contemplar os princípios da Reforma Psiquiátrica brasileira, que prioriza a desinstitucionalização do indivíduo com transtorno mental e a promoção de ações que contribuam não tão somente para o

diagnóstico médico, mas também para a consolidação do seu direito ao exercício da cidadania. O objetivo do tratamento dos esquizofrênicos, assim, não é pautado tão somente pela 'busca pela cura', uma vez que:

é relevante reforçar a importância de que sejam valorizadas as necessidades de cada indivíduo, o que pode ter uma relação direta com a sintomatologia e o prognóstico do transtorno mental com vistas à elaboração de ações que favoreçam a reabilitação e, conseqüentemente a inclusão social dessa clientela (MOLL et al., 2015, p. 29).

Bezerra Jr. (2007) aponta que a Reforma Psiquiátrica brasileira implica na necessidade de formação de profissionais com uma capacidade de reflexão crítica, buscando enfrentar as dificuldades inerentes ao seu ofício, pautando uma prática de cuidado que constitui um novo panorama de transformação, construindo uma nova atitude diante dos fenômenos que envolvem transtornos psiquiátricos como a esquizofrenia.

De acordo com Almeida et al. (2010), a reforma psiquiátrica brasileira implicou e conduziu a novas práticas de assistência à saúde mental associadas ao processo de motivar os doentes a deixarem a internação hospitalar. Dentro desse contexto, os pacientes esquizofrênicos passam a ser tratados dentro da comunidade. Os autores ressaltam que esse contexto contribuiu para o aumento do papel desempenhado pelos cuidadores:

Com a reforma psiquiátrica, os cuidadores passaram a ter um envolvimento afetivo e social fundamental para o tratamento da doença e para a construção da cidadania do paciente. Entretanto, reconhece-se a dificuldade de estabelecer estratégias que possam suprir a complexidade desse novo paradigma. O cuidar é, de alguma forma, atribuído a pessoas por vezes ainda não adaptadas a essa nova situação. Diante da importância que o cuidador tem no tratamento do paciente, deveriam ser propostas ações em saúde pública que contemplassem esses importantes atores no tratamento da esquizofrenia. Essas ações seriam voltadas principalmente para a redução dos agravos nas dimensões física, psíquica e social dos cuidadores (ALMEIDA et al., 2010, p. 78).

Dentro desse contexto, emergiram diversas possibilidades de tratamento com enfoque terapêutico dos pacientes com esquizofrenia, sendo representada não apenas pela arteterapia, mas por diversos outros tipos de terapia. Armondes et al. (2016), por exemplo, abordaram a acupuntura como um dispositivo terapêutico para os pacientes diagnosticados com esquizofrenia, contemplando que com essa prática pode ser observada uma regressão da sintomatologia da condição como as alucinações auditivas, dores, diminuição de delírios e uma melhoria imediata no

sono, fadiga, detecção das percepções ao entorno do paciente, memória, lucidez, diminuição da dosagem dos medicamentos, dentre outros. As autoras ainda destacam que “os eventos adversos associados ao uso da medicação, motivaram a busca por tratamentos alternativos, multidisciplinares e integradores, com a incorporação de farmacologia, psicoterapêutica, reabilitação e intervenções de apoio à comunidade” (ARMONDES et al., 2016, p. 26). De tal modo, há todo um universo a ser explorado no âmbito dos tratamentos terapêuticos da esquizofrenia, dentro de diferentes contextos e perspectivas, dentre as quais se encontra inclusive a arteterapia (COQUEIRO et al., 2010).

#### 4.3 A ARTETERAPIA: SURGIMENTO E DEFINIÇÃO

Para uma melhor compreensão sobre o tema arteterapia, é interessante lembrar o conceito de arte é entendido como qualquer tipo de criação realizada pelo ser humano, as quais podem se dar através de recursos plásticos visuais linguísticos ou sonoros, pois o som e a imagem são elementos básicos para os nossos instintos e sentimentos, sendo o som o elemento básico da linguagem musical, e a imagem, das artes visuais. Nesse sentido, a arte pode ter o intuito de expressar um pensamento ou uma ideia de mundo que pode ser real ou imaginário, permitindo dessa forma expressar ideias, emoções, percepções e sensações, pois quando se pensa em arte como uma ferramenta terapêutica, deve-se considerar a autenticidade na produção e expressão artística do paciente, pois além da função lúdica, é necessário que ela provoque a expansão da estrutura psíquica. Vale ressaltar que a arte possui diversas funções na sociedade. Segundo Vasques (2009) a arte foi contemplada dentro de um contexto que se refere às formas de expressão dos indivíduos, a exemplo das pinturas rupestres as quais eram utilizadas como meios de comunicação na antiguidade, havendo registros que sugerem que a arte foi utilizada como uma metodologia para tratamentos e curas em forma de poesia, teatros, música e esculturas, bem como relacionada a poderes mágicos de ligação com o mundo espiritual e com poderes sobre a natureza, sendo compreendida também como uma modalidade terapêutica que fora concebida por Florence Cane e

Margareth Naumburg na década de 1940, como uma forma de expressão artística voltada para fins terapêuticos.

Para Assis (2013), Margareth Naumburg é considerada a mãe da arteterapia, tendo trabalhado em um hospital psiquiátrico antes de atuar na Wallen School, passando por psicanálises pessoais, contexto no qual a mesma percebera que a arteterapia conseguia ser uma terapia igual ou superior à terapia verbal em sua capacidade de liberação de material reprimido. Esse novo campo do conhecimento era baseado no ideário que envolve que as crenças, pensamentos e sentimentos essenciais a um indivíduo são derivados do inconsciente, o que se mostra através de imagens mais do que palavras, de modo que os conteúdos simbólicos, o foco de sua abordagem, e a arte, seriam um trampolim para um exame verbal do inconsciente.

Ainda segundo a autora supramencionada, Naumburg, ao apresentar os estudos de caso em sua obra *Dinamicamente Orientada Art Terapia* afirmou que a maior parte dos trabalhos expressivos era realizada fora das sessões, de modo que os clientes escolhiam as imagens discutidas na terapia, testemunhando o processo de criação, incluindo comunicação verbal, tolerância à frustração e habilidades de enfrentamento dos materiais encontrados e utilizados.

De acordo com Reis (2014), Margareth Naumburg foi uma educadora norte-americana que sistematizou a arteterapia, desenvolvendo-a com base na teoria psicanalítica, de modo que as técnicas poderiam facilitar a projeção dos conflitos inconscientes em representações pictóricas, sendo esse material submetido à interpretação de acordo com os modelos teóricos propostos por Freud. A autora aponta que no Brasil a arteterapia surgiu na primeira metade do século passado, entrelaçada e influenciada com a psiquiatria, nas vertentes psicanalítica e junguiana.

Segundo a Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (2010), o precursor da arteterapia em âmbito nacional fora Ulysses Pernambucano, o qual estabeleceu relações entre os campos da arte e psiquiatria, inspirando Silvio Moura a redigir em 1923 um estudo denominado 'Manifestações artísticas nos alienados'. O segundo precursor seria Osório Cesar, que atuava no Hospital Psiquiátrico Juqueri, com compreensão a partir da psicanálise e interlocução com a obra de Freud. Dessa forma, desde 1927 há relatos de setores de bordados e outros tipos de artesanatos nos pavilhões e colônias de tal hospital, havendo possibilidade de realizar pinturas

com aquarela, trabalhos em barro, dentre outras formas de arte que necessitavam de ambiente, material e técnica.

Reis (2014) leciona que Osório César contribuiu para a formação da arteterapia no Brasil a partir das suas formulações no plano teórico, articulando conceitos freudianos à análise da arte. Osório César analisou a simbologia sexual presente nas produções artísticas dos pacientes, compreendendo a obra de arte como uma representação dos desejos pessoais dos autores, disfarçados nos elementos simbólicos presentes nas imagens:

Devemos levar em conta ainda a relevância do trabalho de Osório César para a valorização da arteterapia, pois ele realizou mais de 50 exposições divulgando a expressão artística de doentes mentais, procurando, com isso, afirmar a dignidade humana dessas pessoas (REIS, 2014, p. 146).

Para a Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (2010) o início efetivo da arteterapia surgiu com a atuação de Margarida de Carvalho no ano de 1964, com estudos realizados de forma independente no curso de extensão em Arteterapia com Hanna Kwiatkowska na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É citada também a atuação de Ângela Phillipini, que recebeu influência de Nise da Silveira, participando de grupo de estudos com arteterapeutas americanos, e Selma Ciornai, com formação a partir de cursos de extensão no país e mestrado em Arteterapia nos Estados Unidos.

Contudo, como pontua Reis (2014), a psiquiatra Nise da Silveira já trabalhava com arteterapia no Centro Psiquiátrico D. Pedro II no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, desde o ano de 1946, quando ela assumiu a Seção de Terapia Ocupacional do hospital, articulando atividades expressivas (com ênfase para a pintura e modelagem) às terapias em voga e oferecendo uma nova orientação, visto que a terapia baseada na arte não deveria ter a finalidade de distrair, mas sim de contribuir efetivamente para a cura dos pacientes. Embora seja considerada uma das pioneiras na história da arteterapia no Brasil, Nise Silveira não aceitou essa denominação ao seu trabalho, designando a si própria como uma terapêutica ocupacional, visto que a mesma considerava que a palavra “arte” poderia trazer uma conotação de valor, de qualidade estética, que não tinha como intuito fazer uso da atividade expressiva com seus pacientes:

Para os pacientes, a atividade criadora permitia não somente dar uma forma ao seu tumulto emocional mas também transformá-lo por meio dessa expressão. Nise da Silveira destaca que a eficiência do tratamento através

de atividades expressivas se revelou na diminuição da porcentagem de recaídas na condição psicótica e de reinternações de pacientes beneficiados por esse trabalho em Engenho de Dentro, especialmente quando os egressos continuaram com algum acompanhamento. Este foi viabilizado por ela com a criação da Casa das Palmeiras, em 1956, instituição pioneira no atendimento de pacientes em regime de portas-abertas (REIS, 2014, p. 147).

De tal modo, tem-se que a trajetória da arteterapia em âmbito nacional e internacional corresponde ao esforço conjunto de inúmeros profissionais e teóricos que buscavam resgatar uma concepção que vinha desde a antiguidade e que a compreendia também como uma modalidade terapêutica, capaz de produzir inúmeros benefícios aos indivíduos. Nesse sentido, para a percepção da arte como modalidade terapêutica, é necessário que o terapeuta saiba também apreciar esteticamente aquilo que é produzido pelo paciente, de forma livre de influências e da ideias oriundas da crítica da arte, mas sim munido de uma estética sensível, valorizando as expressões das experiências externas e internas que ocorrem no inconsciente do paciente como um processo autocurativo materializado nas artes plásticas, a exemplo dos desenhos, pinturas e modelagens dos pacientes; estas, uma vez materializadas, passam a ser despotencializadas de sua carga energética, deixando de serem ameaçadoras e promovendo um processo de transformação emocional, na medida em que os afetos inconscientes passam a ser representados no consciente.

Segundo Philippini (1998), existem incontáveis possibilidades para que se defina e conceitue a arteterapia, como a concebendo como um processo terapêutico advindo da utilização de modalidades expressivas que servem para a materialização dos símbolos. Tais criações simbólicas expressam e representam níveis profundos e inconscientes da psique humana, permitindo conforto, e propiciando *insights* para a transformação e expansão da estrutura psíquica. A autora aponta também que a arteterapia pode ser definida basicamente como a terapia através da arte, sem a preocupação estética e relacionada às técnicas, privilegiando a possibilidade de expressão e comunicação, bem como o resgate e a ampliação das possibilidades criativas dos pacientes.

Ainda de acordo com a autora, o universo que domina a arteterapia é pautado pela materialidade e pela sensorialidade através de texturas, cores, formas, volumes e linhas. Trata-se da integração e movimentação nesse universo, a qual requer

grande atenção e preparo na intervenção. Um dos caminhos produtivos para facilitar o início do processo arteterapêutico, segundo a autora, pode ser a vida da consciência corporal, a partir de exercícios de relaxamento e de respiração com estágios mais lentos e profundos para facilitar desbloqueios, permitindo um acesso mais livre às camadas inconscientes, de modo que tais estados podem ser ativados ainda pela criação de ambientes sonoros específicos, com a produção e escuta de determinados sons.

Segundo Carvalho (2001), a arteterapia pode ser definida como um método de tratamento terapêutico voltado para o desenvolvimento pessoal a partir da mediação artística, sendo estabelecida a partir da interação entre o paciente (criador) e o objeto de arte (criação), de modo que o arteterapeuta deve fazer uso de recursos como a imaginação, o simbolismo e as metáforas, o que contribui para facilitar a comunicação, reorganização de conteúdos internos, expressão emocional significativa e aprofundamento do conhecimento interno, despertando a capacidade de raciocinar e o desenvolvimento da criatividade no indivíduo.

O paciente, dentro do contexto da arteterapia, deixa de ser tão somente o paciente, sendo contemplado como um criador do fazer artístico (não necessariamente um artista, mas sim alguém que produz a arte e está em contato com ela). Todavia, a arteterapia não pode ser definida de modo simplista, sendo necessário contemplar as diversas nuances presentes em sua definição, bem como em sua aplicação prática.

Philippini (1998) ressalta que as manifestações e expressões artísticas com fulcro na arteterapia devem proporcionar uma experiência lúdica e prazerosa, sem se preocupar com os aspectos estéticos das obras produzidas. Uma das principais prerrogativas da arteterapia, segundo a autora, seria proporcionar indagações, de modo que o indivíduo passa a questionar quem o mesmo é, quais são suas necessidades, o que o mesmo pretende realizar e no que ele deseja se transformar, verificando seus dons e talentos.

Nesse sentido:

Estas, ou questões similares, funcionam como recursos auxiliares na preparação e estruturação de um espaço criativo interno, uma tarefa essencial para permitir a expressão e produção simbólica mais fluente. O processo terapêutico é, então, um trajeto marcado por símbolos, que assinalam e informam sobre estágios da jornada da individuação de cada um. Por individuação entenda-se a árdua tarefa de tornar-se um indivíduo (aquele que não se divide face a pressões externas) e que assim procura

viver plenamente, integrando seus talentos, às suas feridas e faltas psíquicas (PHILIPPINI, 1998, p. 3).

Esse entendimento é parte de uma concepção psicológica e psiquiátrica da arte libertadora, que compreende que a arte não deve contemplar preocupações estéticas, mas sim a liberdade de resolução de conflitos e de um intenso processo de reflexão do criador (CARNEIRO, 2010). Dentro desse contexto, por se tratar de uma abordagem terapêutica da arte, não devem ser exercidas pressões intensas sobre esse criador por parte do arteterapeuta, visto que a arte é concebida como um meio e não como um fim para a abordagem terapêutica. Malchiodi (2005) aponta que a definição da arteterapia pode ser concebida a partir do processo criativo se transformar no processo terapêutico, de modo que o fazer artístico enquanto experiência proporciona uma oportunidade de se expressar com imaginação, autêntica e espontaneamente, processo que leva à realização pessoal, reparação emocional e transformação do indivíduo a nível psíquico.

A palavra transformação é um termo comum abordado nas perspectivas teóricas relacionadas à arteterapia. De fato, o grande intuito de se objetivar a arteterapia parte da ideia do fazer artístico sob uma abordagem transformadora e lúdica, sem haver o comprometimento do criador com os aspectos estéticos de sua criação, mas sim estabelecendo um comprometimento com seus processos internos, contemplando conflitos, emoções, sentimentos.

Ferreira e Bonomi (2011) destacam alguns consensos que envolvem a definição adequada da arteterapia. A saber:

1. A arteterapia deve ser concebida na possibilidade de ocorrência do gesto criador, sem demonstrar interesse na produção artística formal, proporcionando ao indivíduo vivências de experiências singulares, que o levam a perceber que o mesmo pode se apropriar do conhecimento, ressignificando sua relação com o mundo a partir de sua espontaneidade e capacidade criadora;
2. As concepções da arteterapia devem prezar pela expressividade dos indivíduos, colocando a percepção sensorial dos objetos e consciência dos sentidos como uma necessidade primordial do trabalho a ser desenvolvido, de modo que as propostas em arteterapia só fazem

sentido caso provoquem questões subjetivas e um movimento livre entre o pensar e o sentir;

3. A arteterapia é compreendida como uma forma de expressão não verbal, privilegiando o conhecimento das coisas através da experiência e da percepção sensorial da realidade. Só é possível se apropriar, nesse sentido, a partir da atribuição de significado e das possibilidades de linguagem;
4. A Arte é contemplada como uma manifestação cultural e social da humanidade, de modo que cada produção deve evidenciar não apenas o gesto criador do indivíduo e do momento vivido, mas também os conhecimentos prévios, história pessoal, experiências historicamente construídas e toda a herança cultural que se manifesta na arte.

Para Philippini (1998) a arteterapia é um caminho terapêutico que simplifica e facilita a expressão da singularidade criativa de um indivíduo, dando corpo para conflitos esquecidos, afetos represados e talentos em desuso:

A descoberta do significado destes eventos psíquicos até então obscuros amplia a possibilidade de estruturação da personalidade e contribui na elaboração de maneiras mais produtivas para a comunicação, interação e o “estar-no-mundo”. Deste modo, a criatividade com suas inúmeras faces, é a matéria prima do trabalho em arteterapia. E a origem deste trabalho terapêutico perde-se na noite dos tempos. Desde sempre a Arte, em suas múltiplas manifestações, foi do aspecto individual ou coletivo, um preciso documentário psíquico, profundo e abrangente, e também uma interessante possibilidade de comunicação, transformação e aglutinação nas coletividades (PHILIPPINI, 1998, p. 3).

Reisin (2011) define a arteterapia como um campo de saberes e práticas que partem de diversas linguagens artísticas, propondo sua inserção em dispositivos estéticos, educativos, criativos, clínicos ou de reabilitação, permitindo criar, significar e ressignificar e subjetividade a partir de produções artísticas, com objetos artísticos e articulação dos objetos, promovendo dentre outros objetivos uma promoção da saúde mental nos seres humanos. Para o autor, o espaço oferecido pela arteterapia consiste na construção de olhares com os outros, com objetos e significados subjetivos e ressignificações, sendo um processo de saúde altamente produtivo.

Ainda de acordo com o autor supramencionado, as articulações da psicoterapia com a arteterapia supõem que a primeira empresta à segunda uma estrutura de elaboração psíquica, como novas visões aos sujeitos antigos, sendo o

poder de uma matéria-prima, o recurso da arteterapia e o trabalho como um todo o oferecimento de uma intensa e extensa materialidade. A responsabilidade dos que executam os trabalhos em arteterapia nesse sentido devem ter enfoque no sujeito sofredor (o sujeito que se encontra no processo terapêutico) e não nas lutas pelo poder ou pela produção artística no sentido estético, sendo importante oferecer cuidado, respeito e fortalecimento.

Segundo Sperling (2010), a arteterapia deve ampliar o sentido de potencialização do sujeito, fomentando sua participação com atividades que possibilitam o contato com seu lado sensível e emocional, o que pode provocar a percepção de respostas às próprias indagações, enaltecendo a própria capacidade do indivíduo em reconhecer sua própria história e o momento emocional vivido por ele, vislumbrando ações e comportamentos para promover sua transformação. O autor destaca que não há um 'guia' para a arteterapia, uma vez que ela pode ser estruturada e articulada dentro de diferentes contextos, com diferentes objetivos e, portanto, com diferentes abordagens.

De acordo com Râbello e Leite (2016) a arteterapia deve sempre propor um conjunto de atividades que proporcionem o contato do indivíduo com suas experiências interiores, revertendo-se na medida de contribuições pessoais e interpessoais, sendo o objetivo central resgatar a criatividade na vida, focando no exercício do criar livremente, apoderando-se do sentido de se sentir presente e participante no fazer artístico. Para os autores, os indivíduos submetidos à arteterapia devem libertar sua imaginação e as emoções sentidas ao mergulharem nas atividades plásticas, partindo da concepção de que o homem não cria porque deseja criar ou porque gosta de criar, mas sim por deter a necessidade de criar. O indivíduo, assim, só poderia crescer e transformar a si mesmo diante das criações, sendo o fazer artístico uma forma de criação do homem.

Nicoletta (2016) aponta que a própria história humana demonstra que as manifestações artísticas são naturais e inerentes à condição humana, sendo o veículo utilizado pelos sujeitos a se expressarem em uma linguagem universal, sendo a arteterapia uma prática que implica no uso da linguagem artística como um processo terapêutico embasado pelas expressões artísticas dos sujeitos:

Em Arteterapia, utilizam-se recursos que facilitam a aproximação entre o cliente e o arteterapeuta, por meio de oficinas e diferentes atividades, com materiais diversos, tais como: tinta, pintura, sucata, contos de fadas, argila, massa de modelar, criação de histórias, colagem, etc. A confiança adquirida

por meio do vínculo e do ambiente seguro potencializa a capacidade criativa, promovendo seu (re)despertar e aguçando sua curiosidade pelo conhecimento. Entretanto, é fundamental que a arte com finalidade terapêutica seja aplicada com ênfase na escuta e no cuidado para que não haja um constrangimento, fazendo com que, no caso, a criança não se sinta exposta em suas fragilidades, em seu “não saber” (NICOLETTA, 2016, p. 30).

De tal modo, a prerrogativa fundamental para que se defina a arteterapia deve contemplar que a mesma não almeja formar artistas, mas sim proporcionar vivências e experiências próprias ao indivíduo, com o intuito de proporcionar um maior autoconhecimento do mesmo. O sujeito, nesse sentido, mergulha nas atividades artísticas, extraindo destas os benefícios em um espaço comum de discussão e reflexão, podendo a arteterapia ser contemplada sob diferentes situações que se apresentem, buscando atender a diferentes objetivos de acordo com as necessidades dos clientes/pacientes.

Para Ribas e Tommasi (2016), a arteterapia deve sempre ser dedicada ao auxílio ao indivíduo a partir do intermédio de diferentes técnicas de se fazer arte, expressando com mais facilidade seus conflitos e dificuldades, o que ocorre de modo simbólico. Para os autores, a arteterapia deve sempre trabalhar com materiais concretos, possibilitando a projeção de conflitos sobre os materiais, orientando a análise das expressões produzidas, desenvolvendo o ser humano em sua totalidade psíquica, provocando reflexões existenciais, estimulando a criatividade, desenvolvendo relações afetivas sociais e familiares, sendo um modo para fortalecer o paciente no âmbito de sua autoestima, proporcionando mais bem-estar e uma melhoria na qualidade de vida.

De acordo com Gaeta (2016), a interação com diversos materiais na arteterapia mobiliza predominantemente o nível do funcionamento humano no sentido sensório-motor, afetivo, perceptivo, cognitivo, dentre outros, facilitando qualidades do processo expressivo, permitindo espontaneidade, fluidez, contenção, diferenciação e livre-expressão. Para a autora, o preceito fundamental da arteterapia consiste na expressão de componentes simbólicos universais, culturais ou singulares, os quais podem conter conteúdos da ordem do 'não-dito' inconsciente, conteúdos reprimidos, marcas não cicatrizadas e conteúdos que nunca foram conscientes, havendo a possibilidade de rompimento da barreira do tempo e do espaço.

Nesse sentido:

A arte se apresenta para o mundo como uma imposição do processo criador do artista. A obra de arte emerge como uma fotografia do inconsciente revelando aspectos do pessoal e do coletivo. Contextualizada em tempo histórico, fornece uma leitura do movimento de um povo dentro de seu tempo e pode ser prospectiva, trazendo o que está por vir. A leitura da obra de arte, por sua vez, deve atuar em nós como a imagem do sonho que, mesmo sem ter uma compreensão racional, pode ter um efeito homeostático sobre nós. Quando temos grandes sonhos, de cunho arquetípico, que nos causam profunda impressão, temos a necessidade de contá-los, como se não pertencessem somente a nós. Assim se manifestam os símbolos no sonho e na arte (GAETA, 2016, p. 72).

Essas são as prerrogativas fundamentais da arteterapia em perspectiva histórica e conceitual. A partir dessa compreensão, passam a ser aprofundadas no presente estudo as diversas nuances que contemplam a arteterapia, como suas aplicabilidades, seus benefícios e sua utilização especificamente no âmbito da esquizofrenia.

#### 4.4 BENEFÍCIOS E FINALIDADES DA ARTETERAPIA

Apesar da grande maioria dos estudos históricos em arteterapia serem dirigidos predominantemente ao tratamento coadjuvante de pacientes psiquiátricos, em especial junto aos esquizofrênicos, a literatura científica também aponta outras possibilidades de aplicação. Desta feita, contemplando o devido conceito e definições da arteterapia, torna-se possível aprofundar seus benefícios e finalidades com o intuito de direcionar o estudo em questão para a aplicabilidade dos tratamentos empreendidos. Serão destacados no presente tópico não tão somente os benefícios e finalidades da arteterapia no âmbito da saúde mental, mas sim em caráter geral, para propiciar o devido atendimento de tal prática.

De acordo com Golschmidt (2004) a arteterapia é concebida a partir do estímulo da criação e expressão artística, do desenvolvimento criativo, do favorecimento à expressão dos sentimentos humanos e da reorganização interna do indivíduo. O autor defende que a arteterapia pode ser idealizada dentro de diferentes objetivos e perspectivas, como no contexto educacional ou para aumentar os níveis de motivação e de autoestima dos que são submetidos a ela.

Vieira (2017) buscou aprofundar em seu estudo as contribuições da arteterapia no âmbito da educação inclusiva. Para a autora, ao estimular diversas funções e habilidades as práticas de arteterapia podem ser inseridas na educação especial com a finalidade de perceber os anseios de cada aluno, de modo que se faz possível realizar adaptações aos recursos e as estratégias de ensino, propiciando e fomentando o processo de ensino-aprendizagem:

(...) dentro das escolas, visando contemplar a educação inclusiva, seria importante ter um profissional da área de artes capacitado para trabalhar técnicas artísticas baseadas no conceito da arteterapia. Além de ensinar os conteúdos pré-estabelecidos da disciplina e experimentar diferentes materiais e linguagens, este docente poderia contribuir para que os educandos possam expressar, por meio de modalidades artísticas diversificadas, seus conflitos interiores, na tentativa de superá-los e obter uma melhor qualidade de vida (VEIRA, 2017, p. 150-151).

Naturalmente, uma das razões de existir da própria arte é a de proporcionar a inclusão, visto que a arte e as manifestações artísticas como um todo valorizam a interiorização e exteriorização dos sentimentos dos indivíduos. Souza (2011) também concentrou seus estudos nesse enfoque, contemplando que a utilização da arteterapia nesse sentido é embasada nas teorias de Vygotsky, as quais partem do princípio do desenvolvimento do indivíduo como um processo sócio histórico, o qual dá ênfase ao papel da linguagem e da aprendizagem, compreendendo que a arte detém um papel fundamental para o processo de inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais no âmbito do ensino regular.

Segundo a autora, a arteterapia desponta como uma possibilidade de expressão e estimulação dos sentimentos, emoções, criatividade e imaginação, contribuindo para a formação dos sujeitos com conhecimento de sua própria história, formando indivíduos críticos e participativos, capazes de comunicar sua visão de mundo sobre a natureza e a cultura a partir da expressão de significados criados por intermédio da arte terapêutica, facilitando o processo dos alunos de inclusão. A autora ressalta que a arteterapia contribui para que o aluno de inclusão possa ter melhores dimensões sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca. Podendo assim, ser amplamente utilizada para possibilitar a inclusão dos alunos especiais e de quaisquer alunos que sofram com as desigualdades sociais no contexto escolar.

Borges (2010) aprofundou em seu estudo o uso da arteterapia como um recurso no trabalho desenvolvido com alunos hiperativos no âmbito escolar, afirmando que embora a arteterapia possa proporcionar benefícios para a inclusão e

para o desempenho de indivíduos dotados de hiperatividade, isso não implica que não devem ser promovidos esforços das áreas médicas, de saúde mental e pedagógica, juntamente, com os familiares, dado que inexistente uma cura para o transtorno, sendo possível tão somente controlar o mesmo.

De acordo com a autora supramencionada, a arteterapia com esse intuito deve ser concebida como uma parte de uma intervenção multidisciplinar que poderia envolver o treinamento dos docentes quanto à verdadeira natureza da hiperatividade, compreendendo seus efeitos e as possibilidades artísticas que melhor beneficiariam os indivíduos hiperativos. O trabalho do arteterapeuta na escola, assim, não retiraria a responsabilidade pedagógica do acompanhamento do aluno hiperativo, mas serviria como um instrumento para auxiliar o professor, instruindo até mesmo o aluno diante de suas necessidades e inquietações.

Santos e Valladares (2010) abordaram em seu estudo a aplicabilidade da arteterapia aplicada a jovens que sofrem com transtornos mentais ao uso abusivo de substâncias psicoativas, verificando que a arteterapia nesse contexto não seria uma forma de 'entretenimento', mas sim uma possibilidade de comunicação que contribui para que tais indivíduos possam explorar seus sentimentos de uma forma criativa. Diante da produção de criações na arteterapia de abordagem junguiana (psicologia analítica) o indivíduo expõe os símbolos que representam a exploração do seu inconsciente, agregando tal símbolo a consciência do indivíduo, permitindo que o mesmo seja capaz de entrar em contato com as dimensões mais profundas do seu ser.

Em seu estudo de caso, as referidas autoras defendem que fazendo uso da terapia, os participantes puderam dialogar consigo mesmo, passando a expressar verbalmente e criativamente as atitudes positivas relacionadas aos mesmos, contribuindo inclusive para fomentar um processo de tomada de decisão mais adequado, expressando o desejo da autonomia e responsabilidade por seus atos em busca de redução de danos e uma melhor qualidade de vida. As ações construtivas em arteterapia, assim, contribuiriam para minimizar os sofrimentos psíquicos de tais indivíduos, dado que:

a Arteterapia é uma forma de acessar informações contidas no inconsciente e colocá-las sobre o material expressivo, para que possam ser interpretadas e entendidas. Isso traz benefícios à clientela que foi submetida às intervenções de Arteterapia, pois estes indivíduos relatam diminuição da ansiedade e mais facilidade em entender os motivos que os levaram à drogadição e os que possam ajudá-los a deixar a compulsão destrutiva, em

busca de uma vida mais plena e construtiva na vida. (SANTOS; VALLADARES, 2010, p. 10).

De tal modo, a arteterapia pode se traduzir em benefícios para indivíduos marginalizados que fazem uso de substâncias psicoativas, possibilitando que tais indivíduos sejam encaminhados e orientados para um novo paradigma relacionado à sua própria condição. Silva e Moya (2009) também buscaram analisar a arteterapia sob a perspectiva da dependência química, verificando que os métodos de tratamento tradicionais submetidos sobretudo aos jovens que sofrem com problemas relacionados ao abuso de substâncias devem ser concebidos de modo terapêutico, de modo que as técnicas da arteterapia e suas finalidades terapêuticas podem ser utilizadas como uma ferramenta assistencial nos cuidados de saúde mental nos dependentes químicos, funcionando como uma ampliação da utilização de técnicas inovadoras no desbloqueio de energia psíquica, na redução de danos emocionais provocados pelas drogas e como uma diretriz importante da política de atenção integral e de recuperação aos usuários.

Segundo Valladares et al. (2008), o uso da arteterapia em pacientes viciados em substâncias deve ser pautado pela reestruturação e reorganização mental do indivíduo, sendo as práticas arteterapêuticas direcionadas para as emoções e processos individuais, dificuldades e negatividades de cada sujeito, com ênfase na subjetividade. Os autores apontam que tais indivíduos sofrem uma grande carga psíquica, de modo que tem a necessidade de criar e de manifestar sua criação a partir de atividades envolventes e criativas. Diferentes técnicas de arteterapia podem ser direcionadas aos sujeitos envolvidos nesse contexto, tais como a pintura seria uma possibilidade de induzir ao indivíduo adicto o movimento de soltura, de expansão, trabalhando o relaxamento dos mecanismos defensivos de controle, entretanto em contato com os sentimentos e emoções, evocando uma maior sensibilidade, além de outras atividades no campo das artes visuais, como o trabalho com gravuras.

Mendonça et al. (2016) abordaram a arteterapia sobre um novo contexto destinado a estes indivíduos: na reabilitação psicossocial e na inclusão social dos dependentes químicos apenados, isto é, dos usuários/viciados em drogas que passaram pela prisão por qualquer que seja o motivo. Os autores apontam que por meio das experiências em arteterapia as propostas devem englobar aspectos da

vida do apenado que fez (ou faz) uso de drogas, contemplando aspectos psicológicos individuais, trabalhos em grupo artístico, desenvolvimento de habilidades de uso profissional, aspectos familiares, dentre outros. Nesse sentido:

Os grupos terapêuticos possibilitaram a ressignificação da dependência química na vida dos encarcerados, bem como as consequências legais, familiares e sociais na vida deles. Foi proporcionado um espaço para reflexão a respeito das escolhas feitas por cada um e das possíveis mudanças. Durante as oficinas de mosaico foi ofertado um espaço para expressão de criatividade e de conteúdos inconscientes. Considera-se, assim, que propostas mais abrangentes, que englobem variadas facetas da vida do detento dependente químico, como a aqui descrita, possuem maiores chances de efetivamente contribuir para a ressocialização de indivíduos egressos do sistema penitenciário (MENDONÇA et al., 2016, p. 215).

De tal modo, a arteterapia pode ser viabilizada e proporcionar benefícios para a saúde mental dos indivíduos como um todo, desenvolvendo suas potencialidades e permitindo a recuperação psicológica dos sujeitos. Ela pode ser aplicada dentro de diferentes contextos, atendendo a diferentes públicos. Vieira (2017) apresentou ainda em seu estudo uma prerrogativa que envolve que as abordagens em arteterapia não beneficiam tão somente os indivíduos marginalizados, produzindo benefícios na vida cotidiana a partir da introspecção, concentração e reflexão, deixando as pessoas mais calmas e atentas, aumentando seu foco e desbloqueando emoções conscientes que permitem ao sujeito que o mesmo retome sua força vital de modo positivo ao seu bem-estar.

Dessa forma, podemos entender que a arteterapia se utiliza da atividade artística como instrumento terapêutico na promoção da saúde e da qualidade de vida do sujeito, abarcando as mais diversas linguagens: plástica, sonora, literária, dramática e corporal, a partir de técnicas expressivas como desenho, pintura, modelagem, música, poesia, dramatização e dança.

No que tange à utilização terapêutica da música, que em muitos aspectos é estudada fora do país sob a disciplina da musicoterapia, podemos destacar aqui seus benefícios de modo geral proporcionados, na medida em que afeta a todos: por exemplo, ela tem o poder de animar, acalmar, emocionar, consolar, bem como auxiliar na organização ou sincronia do trabalho ou da diversão. Nesse sentido, Sacks (2007) ressalta que a musicoterapia para pacientes com doenças neurológicas pode ser uma grande aliada no tratamento terapêutico, que além da interação entre terapeuta e paciente, o seu maior objetivo é atingir as emoções, os

pensamentos e memórias, as faculdades cognitivas, favorecendo a liberdade, o foco e a estabilidade, ou seja, resgatando o *self* que ainda sobrevive nesse indivíduo. Dentre essas doenças, podemos destacar o Alzheimer, a demência, o autismo e o parkinsonismo.

Dentro desse contexto, a arteterapia não é destinada tão somente aos indivíduos que sofrem com transtornos ou traumas diversos, mas também pode ser considerada como uma prática que contribui naturalmente para o desenvolvimento humano em qualquer fase da vida. Gonçalves et al. (2012) abordaram em seu estudo os benefícios da arteterapia para o envelhecimento saudável dos seres humanos, verificando que o fazer artístico de forma lúdica na terceira idade a partir das oficinas de arte, de modo geral, permite que os idosos transformem suas vidas, as preenchendo com satisfação, alegria e autoestima, melhorando a socialização e proporcionando entretenimento para otimizar a qualidade de vida.

Assim:

É visto que o processo de criação e a relação com o arteterapeuta, permitem ao indivíduo conhecer a si mesmo e em sequência evoluir, pois a cada passo que faz para desenvolver seu desenho ou modelagem, ou qualquer gênero de atividade artística, o indivíduo se sente capaz de transformar suas aflições e suas angústias em cor e movimento, em consequência, em arte (GONÇALVES et al., 2012, p. 219).

Contempla-se, assim, que a arteterapia pode ser uma experiência instituída com diferentes finalidades, dado que ela pode produzir resultados benéficos para todo e qualquer indivíduo, incluindo indivíduos com problemas de motivação ou autoconfiança que desejam mudar sua percepção sobre si próprios e sobre o mundo que os cerca. Todavia, a maior parte das pesquisas utilizadas para a produção do presente estudo dão enfoque para os benefícios da arteterapia para a saúde mental, envolvendo transtornos e distúrbios diversos. A partir de tal elucidação, torna-se possível aprofundar a arteterapia voltada exclusivamente para o tratamento da esquizofrenia.

#### 4.5 A ARTETERAPIA COMO DISPOSITIVO TERAPÊUTICO NO TRATAMENTO DA ESQUIZOFRENIA

Diante do aprofundamento de conhecimentos acerca da esquizofrenia como um todo e dos benefícios e finalidades da aplicabilidade da arteterapia em diferentes conceitos, torna-se possível aprofundar a arteterapia exclusivamente no âmbito do tratamento voltado para a esquizofrenia, abordando-a como um dispositivo terapêutico nesse sentido.

Ruddy e Milnes (2005) apontam que ao longo das últimas décadas foram produzidos muitos estudos em âmbito internacional que buscaram quantificar e representar o efeito das abordagens em arteterapia para as pessoas com esquizofrenia, entretanto, os autores verificaram que, de modo geral, tais estudos são pouco abrangentes, não contemplando especificamente nas possibilidades de uso da arteterapia como um dispositivo terapêutico no âmbito da esquizofrenia.

Ao abordar as implicações práticas para o uso da arteterapia no âmbito dos indivíduos com esquizofrenia, os autores supramencionados traçaram as seguintes considerações:

1. Especificamente para uma pessoa com esquizofrenia, ao ser submetida à arteterapia, a mesma deve estar ciente do fato de que seu uso está sob a avaliação, de modo que a intervenção pode cumprir um papel importante no alcance de benefícios para o sujeito, embora tais resultados não são efetivamente assegurados;
2. Do ponto de vista dos profissionais responsáveis pela intervenção, quando a arteterapia estiver disponível para as pessoas com esquizofrenia, seu uso deve ser contemplado ainda como experimental, embora existam evidências para sustentar que a arteterapia possa ser mais valiosa do que o cuidado padrão para manter as pessoas envolvidas com suas atividades. Os objetivos, claramente, devem ser direcionados à melhoria do estado mental, do funcionamento social, das relações interpessoais e da qualidade de vida como um todo, atentando-se sempre à satisfação com o cuidado.

De tal modo, os autores supramencionados abordam a utilização da arteterapia como um dispositivo terapêutico voltado para o tratamento de pacientes com esquizofrenia com muita cautela. Embora os autores reconheçam que há indícios que evidenciam que a arteterapia pode produzir inúmeros benefícios, os

mesmos defendem que sua abordagem terapêutica deve dar-se a partir do caráter experimental revelado pela literatura científica.

Conforme apresentado, os estudos e pesquisas que envolvem a utilização da arteterapia no âmbito do tratamento da esquizofrenia já se estendem ao longo das últimas décadas. Morrow (1985) realizou um estudo de caso no qual alcançou resultados que indicam que a arteterapia pode ser considerada enquanto um instrumento valioso, utilizado como uma alternativa ou em conjunto com intervenções mais tradicionais de internação de psicoterapia de suporte e orientada para a realidade e juntamente à psicofarmacologia, sendo utilizada para que os pacientes possam deter uma visão menos ameaçadora e mais reveladora sobre si próprios. O autor defende que os pacientes esquizofrênicos podem por muitas vezes apresentar uma grande resistência quanto à utilização da arteterapia voltada para tais fins, entretanto, é indispensável que o profissional envolvido com a abordagem terapêutica elucide ao paciente que tal prática pode contribuir para uma melhor visão do paciente quanto a si mesmo.

Em sua pesquisa datada da década de 1980, o autor supramencionado ainda contempla que a arteterapia pode atuar como um catalisador na facilitação da expressão verbal de um paciente com esquizofrenia que não se comunica, formando uma aliança terapêutica entre o paciente e o terapeuta responsável. A arteterapia, nesse sentido, contribuiria de modo significativo para estreitar laços afetivos entre o terapeuta e o paciente com esquizofrenia, podendo também contribuir para aliviar a monotonia, o tédio e a frustração comumente enfrentados por tais pacientes, de modo que a arteterapia fomenta a construção de uma relação de confiança necessária para produzir mudanças no paciente.

Por fim, o autor conclui ainda que a arteterapia pode ser extremamente útil para monitorar o progresso do paciente com esquizofrenia, atuando como evidência clínica que confirme as mudanças promovidas na intervenção terapêutica, devendo a arteterapia ser concebida como um método para a produção de benefícios no tratamento desses pacientes sem descartar os efeitos benéficos promovidos pela medicação, pelo meio no qual o paciente convive e outras variáveis importantes na recuperação do paciente, visto que somente fazendo uso da arteterapia com o intuito de utilizá-la como um dispositivo terapêutico a mesma pode deter um papel

significativo na facilitação de uma mudança positiva no comportamento e na terapia do paciente com esquizofrenia.

Patterson et al. (2011) apontaram em seu estudo que as recomendações primordiais no âmbito do tratamento das pessoas com esquizofrenia apontam para a necessidade de consideração de terapias artísticas como a arteterapia. Os autores defendem que, embora a arteterapia esteja intrinsecamente ligada à "psicose" e tenha aporte clínico, os responsáveis pela implementação de sua orientação, desenvolvimento e acompanhamento precisam saber mais sobre a terapia, especificamente no que muda na condição da pessoa com esquizofrenia e com quais objetivos a arteterapia deve ser articulada.

O estudo de caso realizado pelos autores demonstrou riqueza e diversidade na prática e na crença dos terapeutas quanto ao valor da arteterapia, de modo que a mesma deve ser contemplada como 'boa' apenas com o envolvimento das equipes e do próprio paciente. Nesse sentido, embora a dedicação dos terapeutas à arteterapia e seus benefícios potenciais não possam ser dispensados, a integração da arteterapia como dispositivo terapêutico destinado aos pacientes com esquizofrenia deve efetivamente apoiar tais pessoas, exigindo uma articulação clara da teoria e da prática.

No mesmo sentido, Morrow (1985) defende que a arteterapia suporta as informações fornecidas juntamente às outras abordagens da terapia primária, desenvolvendo trabalhos de arte terapêutica com o intuito de elucidar conflitos, defesas e para melhorar a comunicação e o relacionamento com o paciente. Justamente devido a esse fato, o autor defende que são raros os casos nos quais o terapeuta faz uso tão somente da arteterapia ou a torna seu principal modo de intervenção terapêutica.

Bastiampillai et al. (2016) realizaram um estudo crítico em relação à utilização da arteterapia no âmbito do tratamento da esquizofrenia, apontando que há uma escassez generalizadas de evidências que comprovem os efeitos positivos das implementações da arteterapia nesse sentido. Os autores, entretanto, não desprezam a possibilidade de utilização da arteterapia enquanto dispositivo terapêutico, mas sim a verificam como uma possibilidade a ser melhor aprofundada no meio científico, produzindo resultados que a comprovem como uma exploração prática nesse sentido. As perspectivas dessas conclusões, entretanto,

desconsideram os consensos de uma parcela significativa da comunidade científica que defendem a arteterapia como um dispositivo terapêutico auxiliar no âmbito do tratamento de pacientes com esquizofrenia.

Segundo Ruiz et al. (2017), a arteterapia é uma prática muito utilizada enquanto tratamento complementar aos antipsicóticos na esquizofrenia. Os autores apontam quanto à escassez de evidências científicas que realmente comprovem os efeitos e benefícios de sua aplicabilidade especificamente no âmbito do tratamento de pacientes com esquizofrenia, trazendo à tona as seguintes conclusões e perspectivas para tal uso:

1. A maior parte da literatura científica em âmbito nacional coloca a arteterapia como uma intervenção promissora para um amplo conjunto de doenças, incluindo a esquizofrenia, enquanto a outra parte da literatura aponta que as evidências são inclusivas, entretanto não apresentam qualquer evidência de que a arteterapia não traga benefícios para o tratamento da esquizofrenia;
2. A recomendação do *National Institute for Health and Care Excellence* sugere que a arteterapia seja incorporada no âmbito do tratamento da esquizofrenia, sobretudo em pacientes com os sintomas negativos acentuados. Tal diretriz, entretanto, não inclui as diretrizes específicas para sua aplicabilidade;
3. A questão envolvendo as evidências científicas para a legitimação da arteterapia no âmbito do tratamento da esquizofrenia são justificadas sobretudo pelas limitações dos estudos realizados de modo geral em seus métodos e nível de atuação, o que clama pela realização de novas revisões sistemáticas de alta qualidade;
4. Há, nesse sentido, uma grande probabilidade de que sejam produzidas ao longo dos próximos anos novas evidências referentes à utilização da arteterapia como possibilidade de tratamento dos pacientes com esquizofrenia.

Os referidos autores ainda idealizaram em seu estudo uma matriz de evidências fazendo uso de meios automatizados e colaborativos, apresentando um compilado de todas as evidências relevantes para tal questão de interesse. Ao todo,

21 estudos dentre os analisados pelos autores deram indícios quanto à utilização promissora da arteterapia no tratamento de pacientes com esquizofrenia, sobretudo revelando os benefícios de tal prática para a saúde mental.

A própria Nise de Silveira, em sua obra intitulada 'Imagens do Inconsciente' estabeleceu que a imaginação material a partir do estudo da argila, da tinta, da madeira e de outras texturas e densidades proporcionariam efeito na criatividade das pessoas, assim como outras substâncias como o fogo e a água também poderiam estimular a criatividade e imaginação dos indivíduos (SILVEIRA, 1981). Nesse sentido, os indivíduos submetidos aos trabalhos realizados com a arteterapia poderiam ser amplamente beneficiados por sua prática no âmbito do tratamento da esquizofrenia.

Vasconcelos (2000) aponta que no âmbito da saúde mental, a arte pode ser utilizada como terapia dando mais liberdade e iniciativa para os pacientes psicóticos. Nesse sentido, o empoderamento (*empowerment*) é uma das prerrogativas do trabalho de arteterapia com os pacientes com esquizofrenia, sobretudo devido ao fato de que tais pacientes são conferidos ao poder de manipular e desenvolver suas criações.

Para a autora, isso não significa que os pacientes devem permanecer desamparados diante do desenvolvimento do seu fazer artístico, sobretudo devido à instabilidade emocional e psicológica comum a tais indivíduos: o profissional de saúde mental, nesse sentido, deve acompanhar a realização das atividades, visando extrair destas o máximo possível de benefícios.

Segundo Rotelli et al. (2001), a arteterapia desponta como uma possibilidade de aprofundar a reforma psiquiátrica no sentido da desinstitucionalização, possibilitando diversos modos de expressão, de modo que a arte não deve ser concebida como uma mera ocupação de tempo, mas sim como um dispositivo terapêutico e com o reconhecimento de um direito do paciente. Nesse sentido, os autores apontam que as abordagens arteterapêuticas devem ser contempladas no âmbito da autonomia do paciente, visto que a instituição e o profissional não devem a compreender tão somente como uma técnica de tratamento, mas como uma prática capaz de produzir amplos benefícios para os pacientes.

Contraponto as afirmações de Vasconcelos (2000) e de Rotelli et al. (2001), verifica-se um ponto de encontro entre tais assertivas, contemplando a arteterapia

como uma prática que detém finalidades que vão além do tratamento da esquizofrenia, mas que são amplamente viabilizadas nesse sentido. Nessa perspectiva, os profissionais envolvidos nesse processo devem propiciar o empoderamento dos pacientes, realizando o acompanhamento dos mesmos, mas sem dar ordens ao mesmo quanto ao fazer artístico, tornando a arteterapia uma prática flexível e dinâmica.

Amorim e Dimenstein (2009) apontam que o trabalho em saúde mental deve ser efetivado como uma prática intercessora, intercedendo em favor do estranho que nos habita, o acolhendo e invocando não como alguém monstruoso e perigoso, mas sim como aquilo que há de mais potente em cada indivíduo. A arte, assim, possibilitaria o autoconhecimento dos pacientes com esquizofrenia e tal autoconhecimento seria empoderado e encorajado pelos profissionais envolvidos nessa abordagem terapêutica.

Vargas Filho (2006) buscou analisar a arteterapia como um dispositivo facilitador do processo de individualização, sob a perspectiva de uma origem e finalidade biológica das artes, apontando as seguintes conclusões:

Sendo a individualidade expressa por uma criatividade intuitiva, conclui-se, por extensão, que o processo do autoconhecimento é o responsável pela integração do homem com seu mundo interior, como o ponto de apoio de sua integração com o mundo exterior. Sendo assim, inquestionavelmente, o autoconhecimento representa um fator chave para o desencadeamento do processo criativo. A partir da ótica junguiana, conclui-se, também, que a composição da psique, formada pelo consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo, atua de forma plena e efetiva no cerne da criatividade. Verificou-se que a criatividade é um impulso semelhante, na sua dinâmica, a um instinto, que, por ser compulsivo e automático, tem o efeito de uma força (tensão psíquica) crescente que se reabastece nos próprios processos através dos quais se realiza, e é responsável pela renovação constante do potencial criador. Assim, o trabalho criativo exige um suportar a tensão psíquica, a junção de concentração espiritual e emocional, o intuir nas profundezas da concentração. Mergulhar no potencial criativo é mergulhar no inconsciente (não-ser) e, receptivamente, esperar o momento da inspiração, que fará emergir a criação – no consciente (ser). (VARGAS FILHO 2006, p. 88).

Para Marková e Berrios (1992), o autoconhecimento no âmbito da psiquiatria detém a subcategoria do termo *insight*, através do qual os pacientes se expressam não tão somente sobre o distúrbio que os afeta, mas também em relação ao modo através do qual o seu distúrbio afeta sua interação com o mundo. A terapia, dentro desse contexto, não deve ignorar a existência de distúrbios como a esquizofrenia, mas sim propiciar o aceitação de tais distúrbios, fomentando a expressividade e a

criatividade dos pacientes e o autoconhecimento destes em relação a si próprios, à esquizofrenia e aos efeitos de sua condição no mundo concreto.

Mella et al. (2011) também aprofundaram as questões envolvendo o *insight* e o autoconhecimento como um todo no âmbito da esquizofrenia, considerando que do ponto de vista conceitual, tais elementos envolvem a interação dos seus componentes com diferentes domínios sintomatológicos da esquizofrenia e as condições relacionadas com os aspectos subjetivos e culturais do paciente. O autoconhecimento, assim, se revela como uma tarefa complexa, porém possível e necessária no âmbito do tratamento da esquizofrenia.

Nesse sentido:

Estima-se que a arteterapia possa se configurar como um instrumento importante na expressão da subjetividade dos usuários e, com isso, auxiliar no tratamento da esquizofrenia; por meio da reflexão em torno da singularidade que a arte possibilita. Esta reflexão pode auxiliar no traquejo com a realidade e a expressão das frustrações antes canalizadas nos delírios, agora exploradas nos trabalhos. (FONSECA et al., 2014, p. 3).

Segundo os autores supramencionados, a utilização da arteterapia como um dispositivo terapêutico abrange o ideário que contempla a arte como uma possibilidade de libertar o paciente com esquizofrenia não tão somente da exclusão, mas também da alienação provocada pela psicose. A partir da percepção criativa, o paciente sente que a vida é digna de ser vivida, sem provocar o relacionamento de submissão do indivíduo com a realidade externa, de modo a assumir “um sentido profilático na criação de estratégias para uma melhoria na qualidade de vida dos pacientes” (FONSECA et al., 2014, p. 1).

As intervenções terapêuticas realizadas sob um mal tão contundente quanto a esquizofrenia e que remanesce sem cura clamam pela realização de novas abordagens inovadoras, buscando produzir novos sentidos para a terapia dos pacientes com esquizofrenia. Embora não haja um consenso absoluto na literatura científica quanto à abordagem da arteterapia no tratamento de tais pacientes, tem-se que a utilização da arte como um dispositivo terapêutico pode produzir benefícios significativos para o tratamento de tais pacientes, sendo sua aplicabilidade promissora no campo da saúde mental, valorizando o relacionamento de tais pacientes consigo próprios e com o mundo que os cerca. Do mesmo modo, a arteterapia deve ser voltada para a promoção da inclusão social dos pacientes com esquizofrenia deve ser pautada na valorização dos pensamentos, sentimentos e

emoções, assim, se confirma como um dispositivo terapêutico utilizado com enfoque em tais pacientes, proporcionando-lhes uma melhor qualidade de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto, verificou-se que a esquizofrenia se trata de um transtorno pautado pela apresentação de distorções funcionais em graus variados e pautado pela simultaneidade, com alterações significativas no âmbito da motivação, da afetividade e dos processos cognitivos, atacando e modificando as funções do paciente, o qual se vê em um cenário interno no qual o mesmo conta com a experimentação de delírios e alucinações.

Ao longo da história, a esquizofrenia sempre foi concebida como uma condição que carregou um grande estigma no nível social. Com o passar dos anos, entretanto, tal concepção passou a ser derrubada com o alcance de conclusões e resultados científicos que passaram a proporcionar um entendimento mais adequado da condição. Dentro desse contexto, passaram a ser vislumbradas uma série de possibilidades de tratamento e de intervenção terapêutica, visto que não há uma 'cura' para a esquizofrenia.

Dentro do âmbito dos dispositivos terapêuticos utilizados no tratamento da esquizofrenia encontra-se a arteterapia, sendo essa um método de tratamento terapêutico voltado sobretudo para o desenvolvimento pessoal a partir da mediação artística, estabelecida a partir da interação entre o paciente e o objeto de arte, que é sua criação. A arteterapia vem sendo analisada na contemporaneidade como uma perspectiva terapêutica de ampla abrangência, de modo que ela passou a ser analisada dentre outros contextos, nas perspectivas da saúde mental. O presente estudo buscou analisar a arteterapia dentro desse contexto, viabilizando sua observação como um dispositivo terapêutico voltado para o tratamento da esquizofrenia.

Com base nos dados aqui explanados e analisados, verificou-se que a utilização da arteterapia nas intervenções realizadas com pacientes com esquizofrenia é ainda considerada controversa. Os críticos ao seu uso apontam para a inexistência de evidências científicas que a revelem como uma perspectiva que de fato possa ser aplicada para o tratamento de tais pacientes, ainda que os mesmos

admitam que seu uso pode provocar efeitos positivos, amenizando os sintomas dos pacientes e lhes conferindo mais qualidade de vida e um melhor bem-estar.

De tal modo, a arteterapia desponta como uma alternativa viável a ser considerada no âmbito do tratamento da esquizofrenia. Conforme apontado no presente estudo, a utilização da arteterapia nesse sentido não deve ser realizada de modo impensado, mas sim de modo estratégico e planejado, sem atender a questões gerais, mas sim ao caso específico de cada paciente com esquizofrenia, uma vez que o transtorno se manifesta de modo específico e individualizado em cada paciente.

A partir da realização de uma extensa pesquisa, verificou-se que uma série de motivos convalidam a utilização da arteterapia como um dispositivo terapêutico no âmbito da esquizofrenia, proporcionando: liberdade na criação para que o paciente possa expressar aquilo que ocorre no seu mundo interior em contraste com o seu mundo exterior; no estímulo à criatividade para que estes possam se expressar de modo positivo e produtivo; no exercício da concentração e foco do paciente; e ao dotar o paciente com mais autonomia, de modo que o sujeito com esquizofrenia possa governar a si próprio.

O autoconhecimento, no mesmo sentido, é uma das perspectivas primordiais da utilização da arteterapia no âmbito do tratamento da esquizofrenia, envolvendo o domínio e a aceitação do paciente sobre si próprio, suas emoções e pensamentos, amenizando os sintomas comuns da esquizofrenia. Assim, o paciente passa a contar com uma maior autoconfiança, sendo motivado e motivando a si mesmo, combatendo a alienação e a exclusão comuns ao quadro esquizofrênico.

Conclui-se, assim, que existem mais benefícios do que malefícios na utilização da arteterapia enquanto dispositivo terapêutico no tratamento da esquizofrenia. Essa conclusão não implica necessariamente no abandono de outras ferramentas e dispositivos de tratamento dos pacientes, sendo recomendável o desenvolvimento dos trabalhos em arteterapia de modo acessório, juntamente a outras intervenções, como o tratamento medicamentoso.

O presente estudo, não buscou esgotar o assunto ou tornar o mesmo plenamente acabado, sobretudo diante das inúmeras indagações e incertezas comuns sob as perspectivas da abordagem arteterapêutica envolvendo a esquizofrenia. Dessa forma, podemos sugerir algumas recomendações de estudos

futuros a serem desenvolvidos com base em premissas nas quais o presente estudo fora pautado, como por exemplo, a realização de estudos de caso em instituições de saúde junto aos pacientes esquizofrênicos a nível individual e grupal, estruturando e analisando os benefícios proporcionados pelas abordagens artísticas enquanto dispositivo terapêutico. No mesmo sentido, analisar os pacientes que se concentram nas atividades nas oficinas de arteterapia.

A partir desses estudos de caso, pode-se tornar possível delimitar e elaborar pesquisas que envolvam as práticas de arteterapia mais benéficas no tratamento da esquizofrenia idealizando a partir daí, um manual para que os profissionais que realizam tais intervenções possam se basear.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. M. A et al. A sobrecarga de cuidadores de pacientes com esquizofrenia. 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v32n3/1312.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2018.
- ALMEIDA, M.B. Noções básicas sobre metodologia de pesquisa científica. UFMG, 2010. Disponível em: <<http://mba.eci.ufmg.br/downloads/metodologia.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2018.
- ALVES, C. R. R; SILVA, M.T.A. A Esquizofrenia e Seu Tratamento Farmacológico. Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, v. 18, p. 12-22, janeiro/abril 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v18n1/02.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2018.
- AMARAL, V. F. do. Esquizofrenia: da dementia praecox às considerações contemporâneas. **Vínculo**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 19-30, dez. 2014. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-24902014000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902014000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 31 out. 2018.
- AMORIM, A. K. M. A; DIMENSTEIN, M.. Desinstitucionalização em saúde mental e práticas de cuidado no contexto do serviço residencial terapêutico. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n.1, p. 195-204, Feb. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232009000100025&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100025&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 jul. 2018.
- ARMONDES, A. P et al. Acupuntura no tratamento da esquizofrenia: considerações com estudos de casos. Revista Amazônia Science & Health. 2016. Disponível em: < <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/1109>> Acesso em: 15 jul. 2018.
- ASSIS, A. M. M. Os efeitos da Arteterapia na aprendizagem: uma análise do desempenho de alunos concluintes do Ensino Fundamental de uma escola pública. 2013. 216 fls. Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação, Universidade Lusófona, Lisboa, 2013. Disponível em: < [http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4849/Aida\\_Assis\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4849/Aida_Assis_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1)> Acesso em: 20 jul. 2018.
- BASTIAMPILLAI, T et al. NICE guidelines for schizophrenia: can art therapy be justified? correspondence| volume 3, ISSUE 11, P1016-1017, November 01, 2016. Disponível em: < [https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366\(16\)30322-4/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366(16)30322-4/fulltext)> Acesso em: 20 jul. 2018.
- BEZERRA JR., B. Desafios da Reforma Psiquiátrica no Brasil. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n2/v17n2a02.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2018.

BLEULER, E. **Demencia Precoz, el grupo de las esquizofrenias**. Trad. Daniel Wagner. Buenos Aires: Ediciones Hormé, 1960.

BORGES, A.C.S. **O Uso Da Arteterapia Como Recurso No Trabalho Com Alunos Hiperativos Nas Séries Iniciais Do Ensino Fundamental**. Trabalho monográfico apresentado como requisito parcial para a obtenção de Grau de Especialista em Arte-terapia, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/posdistancia/43246.pdf](https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/43246.pdf)> Acesso em: 10 set. 2018.

BRASIL. Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. A formação em Arteterapia no Brasil: contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia. - São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/AnaisIII-ForumPaulistaArteterapia.pdf>> Acesso em: 15 jul.2018.

CARNEIRO, C. **Arte, Neurociência e Transcendência**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2010.

CARVALHO, R. **A Arte de Sonhar ser. Imagens da Transformação**. 8ª ed. Rio de Janeiro, Pomar, 2001.

COQUEIRO, N. F et al. **Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental**. Acta Paul Enferm 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n6/22.pdf>> Acesso em: 10 agos. 2018.

ELKIS, H. A evolução do conceito de esquizofrenia neste século. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 22, supl. 1, p. 23-26, May 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462000000500009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000500009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 set. 2018.

FERREIRA, L. H; BONOMI, M.C. **Arteterapia: A Mudança Do Olhar Em Educação**. In: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <[http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/16\\_09\\_2015\\_14\\_53\\_31\\_Revista\\_AATESP\\_v2\\_n1.pdf](http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/16_09_2015_14_53_31_Revista_AATESP_v2_n1.pdf)> Acesso em: 30 jul. 2018.

FONSECA, A. N. et al. Aplicação da Arteterapia com Usuários Esquizofrênicos de um CAPS a Partir da Visão Winnicottiana. VIII EPCC - Encontro Internacional de Produção Científica - Editora Cesumar, Maringá, 22-25 out. 2014. Disponível em: <[http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2013/oit\\_mostra/Cicero\\_Marcelo\\_Felix\\_Junior.pdf](http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2013/oit_mostra/Cicero_Marcelo_Felix_Junior.pdf)> Acesso em 20 jul. 2018.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. *Estud. av.*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 197-208, Dec. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 jul. 2018.

GAETA, I. Arteterapia Junguiana: Uma Leitura da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung (1875-1961) Através das Mandalas. In: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 7, N. 2, 2016. Disponível em: <[http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/03\\_08\\_2017\\_07\\_32\\_25\\_Revista\\_V7\\_N02\\_2017.pdf](http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/03_08_2017_07_32_25_Revista_V7_N02_2017.pdf)> Acesso em: 18 jul. 2018.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDSCHMIDT, L. **Sonhar, pensar e criar**. Rio de Janeiro: Wak, 2004

GONÇALVES, S. M. L. Os benefícios da arte para um envelhecimento saudável. VI World Congress on Communication and Arts, April 04 - 07, 2012, Geelong, AUSTRALIA. Disponível em: <<http://copec.eu/congresses/wcca2013/proc/works/54.pdf>> Acesso em: 20 agos. 2018.

KAUARK, F. S et al. **Metodologia da Pesquisa: Um Guia Prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LOPES, W. P; Buriola, A. Esquizofrenia: Conceito, Epidemiologia e Papel da Enfermagem na Adesão ao Tratamento. Encontro Nacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, Presidente Prudente, 19 a 22 de outubro, 2015.

MALCHIODI, C. A. *Expressive Therapies: History, theory and practice*. Nova Iorque: Guilford Publications, 2005.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5/ [American Psychiatric Association; trad. Maria Inês Corrêa Nascimento... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

MARKOVÁ, I.S; BERRIOS, G.E. The meaning of insight in clinical psychiatry. Br J Psychiatry. 1992. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1617369>> Acesso em: 10 agos. 2018.

MATOS, A. L. S. D. et al. Revisão Teórica da Esquizofrenia e Implicações Causadas Pela Doença na Vida do Portador e dos Familiares. III Congresso Nacional de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas – III CONAPE Francisco Beltrão/PR, 01, 02 e 03 de outubro de 2014. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/presentation/385955713/Slide-Adriana>> Acesso em: 10 set. 2018.

MELLA, L. F. B. *Insight* na psicose: uma análise conceitual. J Bras Psiquiatr. 2011;60(2):135-140. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v60n2/09.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2018.

MENDONÇA, B. E. L. et al. Inclusão social e reabilitação psicossocial de dependentes químicos apenados. Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, v. 4, n. 2, p.206-218, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/153/pdf>> Acesso em: 18 jul. 2018.

MOLL, F. M et al. Ações terapêuticas para pessoas com esquizofrenia acompanhadas em um Centro de Atenção Psicossocial. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental (14), 24-30, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/n14/n14a04.pdf>> Acesso em: 19 jul. 2018.

MORROW, R. The Use of Art Therapy in a Patient with Chronic Schizophrenia. Jefferson Journal of Psychiatry: Vol. 3: Iss. 1, Article 10, 1985. Disponível em: <<https://jdc.jefferson.edu/jeffjpsychiatry/vol3/iss1/10/>> Acesso em: 20 jul. 2018.

NICOLETTA, M. B. S. A Arteterapia Como Recurso no Processo de Aprendizagem e Autoconhecimento. In: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. Revista

de Arteterapia da AATESP, vol. 7, N. 2, 2016. Disponível em: <[http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/03\\_08\\_2017\\_07\\_32\\_25\\_Revista\\_V7\\_N02\\_2017.pdf](http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/03_08_2017_07_32_25_Revista_V7_N02_2017.pdf)> Acesso em: 30 jul. 2018.

OLIVEIRA, A. S. R. S. F. *Conceptualização Histórica da Esquizofrenia*. Mestrado em Medicina apresentado à Universidade do Porto. Porto, 2010. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/50150/2/Conceptualizacao%20Historica%20da%20Esquizofrenia.pdf>> Acesso em: Jul. 2018.

OLIVEIRA, R. M et al. A realidade do viver com esquizofrenia. *Rev Bras Enferm*, Brasília 2012 mar-abr; 65(2): 309-16. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n2/v65n2a17.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2018.

PATTERSON, S et al. Art therapy for people diagnosed with schizophrenia: Therapists' views about what changes, how and for whom. *International Journal of Art Therapy Formerly Inscape* Volume 16, 2011 - Issue 2. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17454832.2011.604038>> Acesso em: 16 jul. 2018.

PHILIPPINI, A. Mas o que é mesmo Arteterapia? Coleção de Revistas de Arteterapia "Imagens da Transformação", vol. V, Pomar, 1998. Disponível em: <<https://www.arteterapia.org.br/pdfs/masoque.pdf>> Acesso em 13 jul. 2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>> Acesso em 30 jul. 2018.

RÂBELO, E. J. R.; LEITE, S.J.S. Arteterapia: Despertando A Criatividade E O Autoconceito De Estudantes Com Características De Altas Habilidades/Superdotação. In: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. *Revista de Arteterapia da AATESP*, vol. 7, N. 2, 2016. Disponível em: <[http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/03\\_08\\_2017\\_07\\_32\\_25\\_Revista\\_V7\\_N02\\_2017.pdf](http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/03_08_2017_07_32_25_Revista_V7_N02_2017.pdf)> Acesso em: 12 jul. 2018.

REIS, A. C. dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 142-157, Mar. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932014000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 jul. 2018.

REISIN, A. Lo Psicoterapêutico em Arteterapia. In: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. *Revista de Arteterapia da AATESP*, vol. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <[http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/16\\_09\\_2015\\_14\\_53\\_31\\_Revista\\_AATESP\\_v2\\_n1.pdf](http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/16_09_2015_14_53_31_Revista_AATESP_v2_n1.pdf)> Acesso em: 12 jul. 2018.

RIBAS, G. A.; TOMMASI, S.B. Arteterapia Com Crianças Abrigadas. In: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. *Revista de Arteterapia da AATESP*, vol. 7, N. 2, 2016-ISSN 2178-9789. Disponível em: <[http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/03\\_08\\_2017\\_07\\_32\\_25\\_Revista\\_V7\\_N02\\_2017.pdf#page=44](http://aatesp.com.br/resources/files/downloads/03_08_2017_07_32_25_Revista_V7_N02_2017.pdf#page=44)> Acesso em: 18 jul. 2018.

ROTELLI, F et al. Desinstitucionalização. São Paulo: Hucitec; 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v16n1/02.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2018.

RUDDY, R.; MILNES, D. Art therapy for schizophrenia or schizophrenia-like illnesses (Review). Cochrane Database of Systematic Reviews 2005, Issue 4. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16235338>> Acesso em: 12 jul. 2018.

RUIZ, M. I.; et al. Art therapy for schizophrenia? Medwave 2017;17(Suppl1):e6845 doi: 10.5867/medwave.2017.6845. Disponível em:< <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28112711>> Acesso em: 12 jul. 2018.

SACKS, O. Alucinações musicais: Relatos sobre a música e o cérebro. Ed. Companhia das Letras, São Paulo 2007.

SANTOS, J. P. R.; VALLADARES, A. C. A. Arteterapia Aplicada a Jovens Com Transtornos Mentais ao Uso Abusivo de Substâncias Psicoativas: Trabalhando Com A Mitologia Grega. 2010. Disponível em: <[http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/J\\_\\_SSICA.PDF](http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/J__SSICA.PDF)> Acesso em: 18 Jul. 2018.

SHIRAKAWA, I. Aspectos gerais do manejo do tratamento de pacientes com esquizofrenia. Rev Bras Psiquiatr 2000;22(Supl I):56-8. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s1/a19v22s1.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2018.

SILVA, T. C. B.; MOYA, C.I.S. Dependência Química e Arteterapia: Revisão Bibliográfica. XVI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2009. Disponível em: <[http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2012/anais/arquivos/0058\\_0842\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2012/anais/arquivos/0058_0842_01.pdf)> Acesso em: 18 Jul. 2018.

SOUZA, M. M. M. Contribuições da Arte na Educação Inclusiva. Monografia - Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: < [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3341/1/2011\\_MagnaMariaMarquesdeSouza.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3341/1/2011_MagnaMariaMarquesdeSouza.pdf)> Acesso em: 16 jul. 2018.

SPERLING, R. H. Arteterapia e o Relacionamento Intergeracional. São Paulo: Sperling Studium, 2010. 112 p.

TREINTA, F.T. et al. Metodologia de pesquisa bibliográfica com a utilização de método multicritério de apoio à decisão. Production, v. 24, n. 3, p. 508-520, July/Sept. 2014. Disponível em: < [http://www.scielo.br/pdf/prod/v24n3/aop\\_prod0312.pdf](http://www.scielo.br/pdf/prod/v24n3/aop_prod0312.pdf)> Acesso em: 12 jul. 2018.

VALLADARES, A. C. A. et al. Arteterapia: criatividade, arte e saúde mental com pacientes adictos. In: JORNADA GOIANA DE ARTETERAPIA, 2., 2008, Goiânia. Anais... Goiânia: FEN/UFG/ABCA, 2008. p. 69-85. Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/269095218\\_ARTETERAPIA\\_CRIATIVIDAD\\_E\\_ARTE\\_E\\_SAUDE\\_MENTAL\\_COM\\_PACIENTES\\_ADICTOS\\_1](https://www.researchgate.net/publication/269095218_ARTETERAPIA_CRIATIVIDAD_E_ARTE_E_SAUDE_MENTAL_COM_PACIENTES_ADICTOS_1)> Acesso em: 15 jul. 2018.

VARGAS FILHO. L. FILHO, L. V. **A Arteterapia como Facilitadora do Processo de Individuação.** Monografia de conclusão de curso apresentada ao ISEPE, como

requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Arteterapia, Rio de Janeiro, 2006.

VASCONCELOS, S. M. F. Intervenção escolar em hospitais para crianças internadas: a formação alternativa re-socializadora. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, São Paulo. Anais... São Paulo: USP: Mackenzie: UNI, 2006. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000092006000100048&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100048&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jul. 2018.

VASQUES. M. C. P. C. F. A arteterapia como instrumento de Promoção humana na Saúde Mental. Dissertação (mestrado). 88 f. Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/98472>> Acesso em: 14 jul. 2018.

VIEIRA, C. C. Contribuições da Arte e do Professor Arteterapeuta para a Educação Inclusiva. Rev. Educação, Artes e Inclusão, vol. 13, n. 2, mai-ago/2017. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/8377>> Acesso em: 18 jul 2018.

ZANINI, M. H. Psicoterapia na esquizofrenia. Rev Bras Psiquiatr 2000;22(Supl I):47-9. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s1/a16v22s1>> Acesso em: 10 jul. 2018.